

BIBLIOGRAFIA

ALFRED WEBER: *Prinzipien der Geschichts- und Kultursoziologie*. 176 págs. R. Piper & Co. Verlag. Munique, 1951.

O autor considera os temas dêste volume como a parte nuclear dos assuntos que investigou durante a sua longa carreira de cientista. Reproduz aqui uma série de ensaios publicados na terceira e quarta décadas dêste século; a dedicatória do livro a seus "alunos de antes e depois das duas guerras mundiais" exprime, de forma clara, a convicção do autor de que êsses trabalhos encerram o conteúdo essencial do seu pensamento e o que mais lhe importou na sua atuação de professor.

Cumprе reconhecer que às idéias expostas inere, ainda em nossos dias, um valor objetivo. Não obstante serem conhecidos os pensamentos de Weber, quer através de muitas pequenas monografias (entre as quais as contribuições ao *Handwörterbuch der Soziologie* de Vierkandt, de 1931), quer através de sua volumosa obra *Kulturgeschichte als Kultursoziologie*, justifica-se ainda hoje um comentário àqueles ensaios como algo mais que mera homenagem a um dos poucos patriarcas sobreviventes das ciências sociais germânicas. A obra sobressai como significativa realização da Sociologia alemã, modelar quanto ao método e ao conteúdo; ademais, é altamente representativa das diretrizes gerais dessa Sociologia, tanto assim que a inspirou em muitos sentidos.

O pensamento de Weber gira fundamentalmente em tórno da organização da estrutura histórica total: "De que forma se pode conceber a história humana como unidade, apreendendo-a, contudo, em sua multiplicidade?" Em sua análise, o autor distingue rigorosamente entre processo social, processo civilizatório e movimento cultural. São os três fatores determinantes da marcha histórica — na realidade partes inseparáveis de uma só unidade, "meadas" que perpassam a corpo histórico.

Para Weber, o processo social e cultural representam, no curso histórico, grandezas singulares que nunca se repetem da mesma forma. Na estrutura social dos grandes corpos históricos (como o egípcio, o indú, o babilônico, o chinês, o islamita, o ocidental) refletem-se o processo da vida histórica, lutas de classes, vitórias e derrotas externas. E', enfim, a estruturação geral dos impulsos e energias volitivas inerentes às etnias. Da mesma forma, o movimento cultural representa uma energia atuante, singular e única, nas etnias. Distinguindo-se da riqueza de elementos naturais de ordem material, de um lado, e da herança cultural, do outro, êsse processo representa o movimento espontâneo da alma do povo, no sentido de plasmar a totalidade da existência. Tal movimento inclui as manifestações aparentemente autônomas da filosofia e da arte, que, na verdade, têm a função de um domínio da realidade a partir de um núcleo psíquico. Bem diverso é o processo civilizatório, que é a força motriz da história, abrangendo a penetração racional da existência. A racionalidade da civilização se exprime na estrutura geral da consciência de uma época; manifesta-se, externamente, nos elementos técnicos do corpo histórico e, internamente, nos elementos espirituais de que o homem dispõe como base da criação técnica. O processo de civilização é, para Weber,

aquela meada da existência histórica que tem significado verdadeiramente universal e continuidade temporal. As conquistas racionais (os elementos técnicos, como as idéias científicas em que se baseiam), apesar de ocasionais retardamentos, são transmitidos de etnia a etnia de forma contínua. Graças à validade universal das soluções, existe, pois, um progresso real no terreno civilizatório.

Certos elementos da matemática, a escrita e a burocracia egípcias são os precursores ainda poucos diferenciados das nossas conquistas modernas, ao passo que a arte das suas pirâmides e os processos da sua história administrativa, como singularidades de épocas remotas, não experimentaram nenhum desenvolvimento ulterior.

Weber aplica a tríade dos princípios de uma Sociologia da história e da cultura à cultura do antigo Egito. E verifica-se que êsses conceitos têm o mérito de abrir novas perspectivas e de levantar novos problemas.

A temática do livro ocupa um lugar central nas Ciências Sociais e na Filosofia Social. O autor discute problemas intimamente ligados aos nomes de Hegel, Marx, Spencer, Spengler, Toynbee, sem, no entanto, competir com a envergadura das consagradas obras dêsses autores. As exposições de Weber, o rigor com que propõe os problemas, a consciência de proporção com relação aos métodos que emprega e a acribia do seu aparelhamento conceitual produzem, de certo modo, esclarecimentos definitivos, embora parciais, dos complicados problemas que aborda. Ao visar à "análise da estrutura e essência" da história, abstendo-se expressamente da "interpretação do seu sentido", Weber destaca nitidamente a sua pretensão das iniciativas de Hegel e Marx; tomando consciência, por via sociológica, dos limites dêsse seu procedimento em comparação com as indagações centrais do homem em face da história, supera o horizonte restrito de uma Sociologia perdida em si própria; ao construir o compasso ternário dos seus princípios fundamentais, aprimora os conceitos que lhe servem de instrumentos de trabalho. A coragem com que realiza o confronto de suas idéias com as de seus famosos predecessores proporciona um quadro de extraordinário vigor intelectual. E pode-se dizer que logrou fazer a "soma" crítica dos conhecimentos relativos a uma problemática que há século e meio vem merecendo a atenção de grandes pensadores.

E. A. von Buggenhagen

WILHELM SCHMIDT: *Das Mutterrecht*. (Studia Instituti Anthropos, vol. 10), 186 págs. Viena-Mödling, 1955.

Nesta obra póstuma aparecem mais uma vez as grandes qualidades do mestre da síntese Pe. Schmidt, que sabia formar com perfeição, dum material vasto, colecionado com zêlo incansável e interpretado com perspicácia aguda, uma imagem grandiosa do matriarcado, que é um dos mais interessantes fenômenos da história humana.

Depois de breve resumo teórico, o autor desenvolve a história do matriarcado, em cuja fase inicial, no matrimônio de visita (*Besuchsehe*), baseado no progresso econômico realizado pela mulher através da invenção da agricultura e nos direitos de propriedade por ela alcançados sobre casa e lavoura, as relações entre espôsa e marido, que, como membro da família da própria mãe, fica excluído da família da espôsa, a vida conjugal se limita a visitas esporádicas, geralmente noturnas, na casa da espôsa.

Segue-se a fase do matriarcado clássico, perfeito, e completo, caracterizado pelo matrimônio matrilocal, onde o marido muda para a famí-